

VIVER — IKIRU

um filme de Akira Kurosawa

com Takashi Shimura, Nobuo Kaneko, Kioko Seki, Makoto Kobori

Inédito Comercialmente em Portugal | *Ikiru* | 1952 | JAPÃO | 2h23 | M/12

Viver é não só uma das maiores obras de Kurosawa, como também um dos mais importantes filmes da história do cinema. Descrevendo-o como “o mais belo, o mais sábio e o mais comovente filme japonês”, André Bazin escreveu sobre Viver que “a sua universalidade não é geográfica mas geológica; ela surgiu nas profundezas do lençol moral subterrâneo onde Kurosawa a soube ir procurar”. Kanji Watanabe, um incógnito funcionário municipal, é informado que padece de uma doença terminal e restam-lhe poucos meses de vida. Reconhecendo o vazio da sua existência, Watanabe empenha-se na transformação de um terreno baldio num parque onde as crianças possam brincar, um projecto ao qual destina todas as suas forças.



“Normalmente escrevo os argumentos com mais alguém. Se trabalho sozinho na escrita do argumento, tenho uma certa tendência para o tornar desequilibrado. Mas se posso trabalhar com alguém, se o discutir com as pessoas com quem trabalho à medida que o escrevemos, então as coisas, de certa maneira, podem correr melhor. Uekusa, ou Hashimoto, ou Oguni¹, e eu, todos escrevemos. Depois, mostramos uns aos outros o que escrevemos. É quase uma espécie de competição. Depois, cada um de nós pega no que os outros escreveram e reescreve. No fim, falamos de novo uns com os outros e decidimos o que iremos utilizar. Mesmo para um argumentista talentoso, isto representa um trabalho árduo.

[...]

No meu caso, nunca escrevo o argumento de modo a dar-lhe uma forma definitiva, a fechá-lo. Começo por visualizar a primeira cena. Há uma personagem, com um certo potencial, numa determinada posição. Depois essa personagem já tem qualquer coisa de seu e começa a mover-se por si. [...] E até começar a fazer isso há um trabalho intenso por detrás. Às vezes são meses a trabalhar e a pensar nisso. Quando finalmente se começam a ‘autonomizar’, discutimo-lo. ‘Se ele fez isto, como é que ela reagirá?’, etc. É claro que somos apenas humanos e por isso é um risco para nós tentar ver logo tudo até ao fim, até à última cena. Muitas vezes, depois de conversarmos uns com os outros, uma personagem que iria, por exemplo, para a direita, pode acabar a ir para a esquerda. Nunca sabemos o que vai acontecer. Por isso, quando escrevo, deixo muitas vezes as coisas tão soltas quanto for possível. Quando a primeira cena se conclui, aí já tenho uma ideia aproximada de como o filme irá acabar – mas a primeira pergunta é sempre a mesma: quanto tempo é preciso para esta personagem começar a funcionar? Foi assim que a personagem de Watanabe foi criada.”

Akira Kurosawa

“Por vezes penso na minha morte. Penso em deixar de ser. Penso – como poderia suportar o meu último suspiro? Enquanto vivo esta vida, como poderia suportar deixá-la? Tenho ainda, sinto, tanto para fazer. Sinto sempre que vivi tão pouco. Isto deixa-me pensativo, mas não triste, e foi destes pensamentos que surgiu *Ikiru*.”

Akira Kurosawa

“Penso que *Viver (Ikiru)* é possivelmente o mais belo, o mais sábio e o mais comovente filme japonês que já vi, pelo menos, entre as produções modernas.

Mas sublinhemos em primeiro lugar que estamos em presença de um argumento contemporâneo e que esta actualidade modifica radicalmente o irritante problema das influências. Certamente, e por uma centena de razões profundas, *Viver* é um filme especificamente japonês, mas o que impressiona nesta obra e se impõe ao espírito é o valor universal da sua mensagem. Mais precisamente, *Viver* é japonês como *M - Matou* era alemão ou *Citizen Kane* americano. Não há necessidade de tradução mental de um modo de cultura para outro para ler claramente, e ao mesmo tempo, a inspiração particular e a significação geral. A universalidade de *Viver* não é geográfica mas geológica; ela surgiu nas profundezas do lençol moral subterrâneo onde Kurosawa a soube ir procurar.”

André Bazin



¹ Argumentistas que trabalharam regularmente com Akira Kurosawa.

"Na carreira de Akira Kurosawa, *Ikiru* tem papel simétrico ao de *Dodescadên* e a mesma dimensão simbólica. São talvez estes dois filmes as suas obras mais pessoais, em que mais bem se espalha a visão do mundo do realizador, a que se juntará, mais tarde, esse admirável testamento que é *Rapsódia em Agosto*. Começemos pela simetria. Com *Dodescadên*, baliza a fase de ouro da obra de Kurosawa. Abre e encerra o ciclo que inclui os seus épicos mais famosos. Dois gestos pessoais, duas confissões que descerram e fecham a cortina do palco onde vão desfilar os grandes dramas humanos, de *Shichinin no Samurai* (*Os Sete Samurais*) a *Akahige* (*O Barba Ruiva*). [...] O corpo principal da obra de Kurosawa encontra-se entre estes dois filmes, por mais admiráveis que tenham sido alguns dos que fez depois.

Segundo Kurosawa, *Ikiru* "nasceu" das suas ideias sobre a morte ("Por vezes penso na morte... no fim da minha existência. Foi desses pensamentos que me veio a ideia de *Ikiru*"). E essa reflexão leva o realizador a um dos mais belos poemas sobre o amor à vida e a busca do seu sentido. Mas não é apenas o tema que faz de *Ikiru* uma das obras maiores de Kurosawa. O filme é, também um dos mais significativos de toda a história do cinema em termos de linguagem, nas formas que usa para contar o drama de Kanji e que tem muitos pontos em comum com o *Citizen Kane* de Orson Welles (filme que à altura da realização de *Ikiru*, ainda era desconhecido de Kurosawa)."

Manuel Cintra Ferreira, Akira Kurosawa – Folhas da Cinemateca



"Kurosawa quis mostrar o seu país como ele é e, ao mesmo tempo, fazer (finalmente) um filme sobre um tema que havia permeado o seu trabalho mais antigo – o problema da identidade, o problema de viver. Talvez nunca o Japão moderno tivesse sido tão completamente exposto (em vários sentidos da palavra) como neste filme. *Viver* é uma poderosa denúncia não apenas da burocracia oficial, mas também do mundo, tal como ele existe. Aqueles que viram o filme como uma crítica social têm razões para fazê-lo, mas vê-lo apenas como uma crítica é fazer-lhe uma injustiça. [...] O filme foi um sucesso extraordinário junto do público e da crítica."

Donald Richie, *The Films of Akira Kurosawa*